

## A CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE NAS SOCIEDADES DE CONTROLE: CORPO – POTÊNCIA DE LIBERDADE E CRIATIVIDADE

Orley Olavo Filemon

Universidade Estadual de Goiás - UEG

Eguimar Felício Chaveiro

Universidade Federal de Goiás - UFG

### INTRODUÇÃO

A pergunta instigante do filósofo Deleuze (1988): “O que pode um corpo?”, tem sido o procedimento elementar que ampara as reflexões sobre a construção da corporeidade nas sociedades de controle. Esta indagação se multiplica em outras: “que tipo de aliciamento a sociedade de controle faz ao corpo nos espaços atuais?”, “como as diferentes corporeidades desenvolvem trajetórias socioespaciais na metrópole goianiense?”.

A pesquisa que desenvolvemos tem como objeto “A construção da corporeidade juvenil a partir das trajetórias socioespeciais desses sujeitos na Região Noroeste de Goiânia-GO”. O método de investigação utilizado foi a análise da história de vida dos adolescentes e jovens da periferia de Goiânia, como metodologia de pesquisa usamos a entrevista semiestruturada e a observação não participante. Os resultados têm nos revelado que o espaço e os lugares da periferia proletária da metrópole goianiense influência decisivamente na construção da corporeidade.

Conforme os estudos feitos, consideramos que o corpo dos jovens da metrópole é atravessado pelas forças do mundo; é a casa da vida inteira e, portanto, usina de ação, de mudança e de transformação; é um lugar de disputa simbólica, de recriação de sentidos, de ressignificação. Sendo objeto de estratégias do marketing, da publicidade, da propaganda e criando linhas de fuga na drogadição, no esoterismo, na tecnofilia, a construção da corporeidade juvenil é enlaçada pelos troncos que formam a subjetividade contemporânea. Mas não se deve deixar de compreender que o corpo é um estatuto de órgãos e de sua articulação, agente político que enuncia sinais o tempo inteiro, o corpo só pode existir num indefinível balé de trocas, de

permutas, de convivências e fusões. O espaço e os lugares são o teatro vivo desses encontros, permutas e ações.

No trato específico do propósito dessas reflexões, valemos de um pressuposto: ser sujeito, em meio aos conflitos sociais, é ser capaz de ter determinação sobre a própria ação e, sobre a própria história, envolvendo-se no espaço de maneira autônoma e ativa; ser sujeito é dar ao corpo um sentido político de ressalto coletivo e de potência criadora, sendo, portanto, capaz de transformar a existência num pleito de geração de projetos e de atitudes que interferem nas mudanças sociais.

## A CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE NOS ESPAÇOS DA SOCIEDADE DE CONTROLE

A maioria dos trabalhos procura perceber como as identidades se tornam complexas, de acordo com a efusão e com a profusão, de símbolos próprios deste tempo. Outros trabalhos direcionam as reflexões para compreender as trajetórias socioespaciais dos diversos grupos identitários. Consideram os percursos no espaço como percursos de vida. E estes como componentes da construção da corporeidade.

O esforço teórico que temos feito no sentido de estimular uma recusa à leitura da corporeidade e do sujeito apenas pelo viés economicista e, a abertura de rumos, evocando táticas de vida esculpidas no espaço, ao envolver componentes como: raça-etnia, identidades culturais, gênero etc., alarga-se a compreensão política das trajetórias dos sujeitos no espaço, oferecendo outras possibilidades de análises.

Neste esforço tomamos a posição que o controle hegemônico do espaço feito pelas instituições hegemônicas do mundo capitalista, como o mercado, os Estados que fabricam guerras etc., agem sobre as diversidades étnicas promovendo preconceitos, sequestros de voz e valores, entre outros.

Estudos e pesquisas, amplamente trabalhada nas últimas décadas, tem sido as pesquisas originadas em vários campos, como: Educação Física Cultural, Performance Cultural (Arte) e na Geografia Cultural. Neste trabalho, pretendendo desenvolver as reflexões baseadas nos aportes da fenomenologia e, criando aproximações com a geografia (Cultural), campos da arte e da Educação Física.

Neste debate, vale sintetizarmos o modo como ponderamos as noções de corpo e

corporeidade. Ora, o corpo sofre influência da cultura que, por sua vez, tem ligação direta com os componentes sociais. Mas, essa influência não é determinista de maneira que ultrapasse as trajetórias socioespaciais das diferentes singularidades e de sua relação com o espaço. Ao conceber o corpo – e a corporeidade – dessa maneira, estamos apregoando que cultura e economia, subjetividade e dimensões de classe social se interseccionam ativamente, com base na determinação do espaço e do tempo.

#### AS TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DO JOVEM ALUNO DA REGIÃO NOROESTE DE GOIÂNIA: A CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE

Esta pesquisa tem como eixo central analisar e compreender a construção da corporeidade juvenil, no espaço metropolitano, especificamente na região noroeste de Goiânia, que é marcada pela segregação socioespacial, por ser uma região periférica. Dessa forma, o estudo das relações que se estabelecem entre o jovem da periferia proletária e a construção de sua corporeidade, tendo um colégio estadual da periferia de Goiânia como lugar principal, desencadeador de todo esse processo.

Esse espaço será ponto de partida para tentarmos compreender como acontece a formação da corporeidade juvenil e, como o jovem marca e é marcado pela sua trajetória socioespacial.

Na pesquisa realizada foram pesquisados duzentos e trinta e dois (232) jovens, sendo, sessenta e dois (62) jovens diretamente inquiridos. Foram analisados cento e setenta (170) textos de histórias de vida de jovens que vivem, moram e estudam na região noroeste de Goiânia. E foram selecionados vinte (20) entrevistados e dez (10) redações sobre história de vida.

Essa escolha foi feita primando pelos aspectos que julgamos serem importantes no desenvolvimento da pesquisa, como: faixa etária, tempo de moradia, gênero, percepções e representações dos lugares que frequentam, lazer e, a sua proximidade com a cultura juvenil metropolitana.

Compreendemos que a história de vida é um elemento importante na interpretação qualitativa das subjetividades e simbolismos presentes na vida dos jovens. Assim, é possível captar pela história de vida, os percursos vividos pelos indivíduos e como eles interagem socialmente, como também compreender aspectos ligados a existência da cultura juvenil e seus

modos de vida na região noroeste de Goiânia.

De acordo com os relatos, a grande maioria dos jovens entrevistados nas faixas etárias de 11 aos 18 anos, é atualizada quanto aos principais apetrechos da cultura juvenil: sua diversão passa pelo video game e TVs. Por meio desses meios, além da diversão, se preparam para adentrar neste mundo comandado pelas redes. E mais que isso: não é apenas uma nova sociabilidade ligada ao lazer, mas um modo de constituir a subjetividade. Um jovem aluno disse: *“Aqui onde eu moro é bom, mas me assusta. Tem muita violência, muita polícia. Eu vou divertir na Lan House, vejo TV, vou à feira e nas praças. Minha mãe tem medo de eu sair”*.

Diante dessa realidade, inserir o jovem no mundo a partir do mercado e, também, criar linhas de fuga ou repetir gestos estruturais da sociedade atual, como é o caso da violência. Esta inserção tem na cultura um componente atrativo e decisivo, pois ela age para formar novos padrões de consumo, novos meios de fala e outros sentidos para a existência.

O denominado cibernundo, informal e imaterial, aparentemente sem fronteira, acaba por se materializar no interior do sujeito: trata-se de alavancar as estratégias de controle do capitalismo. No plano próximo da escola, trata-se de um sujeito – o aluno – que recebe uma enorme quantidade de informações e que não lhe dá condições e tempo para refleti-las. Ficar fora dela significa afastar-se do mundo concreto das relações, dos prazeres e do entretenimento. Adentrar-se nela, significa fazer parte da cultura tecnológica, cabo central do capitalismo contemporâneo.

Todavia, os relatos dos jovens alunos da região noroeste apresentam outro dado: a imensa maioria deles frequenta a feira dos bairros e a praça. Alguns mostraram a importância dos parques e, outros, do Shopping que atende a região. Isso quer dizer que a vivência no lugar encontra no espaço um elemento importante que diz respeito, também, à cultura do mundo. O relato é esclarecedor: *“a feira é muito bom, todo mundo encontra, ouve música, dança, namora, fala de futebol, diverte muito”*.

Além disso, o Colégio é representado como um dos principais espaços para a convivência e para o lazer. Como se vê, não há entusiasmo pelas aulas, pela educação – embora sinalize como um lugar do sonho – mas há entusiasmo pelos jogos das aulas de Educação física, pelas brincadeiras. A transformação da escola num espaço de sociabilidade é uma operação dessa cultura e da luta pela vida.

A junção de elementos globais a partir de consumo, mercado, sonhos e referências

mediáticas com a realidade vivida no lugar formam esse ser, ainda que jovem, como uma realidade bastante complexa. É esse ser que adentra os muros da escola, que vai para as aulas e interage com os elementos da cultura escolar. Percebe-se que gestores, educadores e coordenadores pedagógicos não podem olvidar a cultura juvenil, nem deixar de ver o mundo real do jovem aluno.

Percebe-se que os jovens mantêm laços culturais do lugar, como ir às feiras populares e às praças; inscrevem-se nos hábitos da cultura da informação e participam das novas ofertas de símbolos metafísicos como é o caso de sua inserção nas igrejas evangélicas. A junção dessas três ordens simbólicas mostra que esse jovem aluno é complexo, possui conflitos e é conteúdo humano dos “novos contornos da subjetividade”.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre a corporeidade juvenil mediante suas trajetórias em espaços e lugares da periferia proletária da região noroeste de Goiânia, além de nos exigir um raio de interlocução teórica abrangente, tem revelado que não há vida sem um espaço que lhe dê guarida.

No caso das reflexões que desenvolvemos, outro pressuposto foi fundamental: o espaço sustenta as trajetórias socioespaciais de qualquer sujeito a partir de seu grupo identitário. Em se tratando do grupo juvenil da periferia, deve-se levar em consideração o modo como a sociedade de controle gera impulsos de consumo, de linha de fuga, de alimentação no corpo jovem.

Vimos que o jovem metropolitano se vê jogado numa rede imensa de apelos midiáticos. Esses apelos tentam construir a sua corporeidade pela alimentação, pela noção estética, pelo modo como lida com a sexualidade, com os esportes etc.. Pela via do impulso, a tendência é esse jovem dormir mal, ter dificuldade na digestão alimentar e de aprendizagem, assim como ter problemas para relacionar-se com o Outro.

A escola tem dificuldade em propor alternativas para os jovens da periferia. A consciência corporal é, então, parte da consciência de vida. Por esse motivo, nascem várias propostas de recuperação de usuários de drogas pelo esporte e pela cultura. Buscam na Educação Física dentro e fora da escola a construção de hábitos saudáveis, de práticas corporais que elevem a consciência corporal dos jovens.

Convém salientar que os ambientes violentos, temerosos, juntamente com a desestruturação da família e a falta de crença nas instituições de comando, tornam-se agravantes

que criam a chamada “enfermidade do mundo”. Em muitos casos, os professores também, adoecem.

Se o corpo é atizado e mirado por signos que o fazem adoecer, ele sempre é um guardador de potências, de insurgências e de capacidade de mudanças. Vimos na pesquisa do jovem aluno, que mesmo sofrendo as limitações estruturais de sua condição de classe, sendo convidado a consumir objetos que não possuem condição de fazê-lo, procura meios para criar, brincar, participar coletivamente e sonhar. Vimos que há disposição de solidariedade, de cooperação e de vontade de participação, desde que, os meios não sejam estranhos à cultura juvenil.

Percebemos, além disso, que os dispositivos da sociedade de controle, ainda que permeiem a sociabilidade juvenil e a construção de suas trajetórias, não eliminam a irreduzibilidade do corpo. Há grupos que fazem música, que jogam futebol, que geram meios para plantar, no espaço segregado, alegria e vontade de viver. Isso quer dizer que há uma potência criativa e de liberdade para desenvolver projetos que aproveitem a energia do jovem e a sua capacidade de agir.

A partir dessas reflexões e constatações abri-se um espaço importante para novas pesquisas e estudos sobre os jovens e a construção da sua corporeidade na sociedade brasileira.

#### REFERÊNCIAS

CHAVEIRO, E. F. O. **Corpo, uma categoria demográfica**. Goiânia: UFG, 2008 (mimeografado).

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Escuta, 1998.

FREITAS, C. A. L. L. **Catadores de materiais recicláveis, uma situação da classe trabalhadora**: como situação de lumpemproletariado. Relatório apresentado ao programa de pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, como requisito para Exame de Qualificação do Doutorado em Geografia, 2009.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.

HARVEY, D. **Espaços de Esperança**. Tradução de Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves. São Paulo: edições Loyola, 2004, pp. 135-159.

# III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

“O QUE NOS APROXIMA E O QUE NOS DISTANCIA?”

A(S) DIFERENÇA(S) NA EDUCAÇÃO FÍSICA”



ROLNIK, R. **A Cidade e a Lei**: Legislação, Política Urbana e Territórios na Cidade de São Paulo. São Paulo: FAPESP/Studio Nobel, 1997.

SANTOS, M. Por uma epistemologia existencial. In: **Questões territoriais na América Latina**. (Orgs.) LEMOS, A. I. G. de et al. São Paulo: Clacso Livros, 2006, pp. 19-26.

TAKEUTI, N. Subjetividades e Vínculos Sociais. In: **Café Filosófico**: filosofia, cultura, subjetividade. (Org.) SOUSA, I. M. de. Natal: EDUFRN, 2004, pp. 262-273.

TOURAINÉ, A. **Crítica da Modernidade**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

